



History of Education in Latin America - HlStELA

This work is licensed under a [Creative Commons — Attribution 4.0 International — CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Maria Nadir Vieira Lemos e a situação educacional de Barreiras dos Constantinos, Iguatu-CE

The teaching of Maria Nadir Vieira Lemos and the educational situation of Barreiras dos Constantinos, Iguatu-CE

Francisca Genifer Andrade de Sousa

Orcid: 0000-0001-8280-3250

Universidade Estadual do Ceará; Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu; Curso de Pedagogia. Iguatu - CE, Email: geniferandrade@yahoo.com.br

Ruan Pablo Bezerra de Souza

Orcid: /0009-0005-8266-1607

Universidade Estadual do Ceará; Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu; Curso de Pedagogia. Iguatu - CE, Email: ruan.bezerra@aluno.uece.br

DOI: 10.21680/2596-0113.2024v7n1ID38022

Citation: Sousa, Francisca Genifer Andrade de; Souza, Ruan Pablo Bezerra de. (2024). Maria Nadir Vieira Lemos e a situação educacional de Barreiras dos Constantinos, Iguatu-CE. *History of Education in Latin America - HistELA*, 7(1). Recuperado de <https://periodicos.ufrn.br/histela/article/view/38022>

Competing interests: The author has declared that no competing interests exist.

Editor: Olivia Morais de Medeiros Neta

Received: 30/08/2024

Approved: 05/10/2024

OOPEN ACCESS

Resumo

O presente artigo trata acerca da trajetória docente de Maria Nadir Vieira Lemos, uma professora pioneira na educação das Barreiras dos Constantinos, região rural de Iguatu, cidade que se localiza na região Centro-Sul do estado do Ceará. Objetiva-se biografar Maria Nadir Vieira Lemos com ênfase na sua atuação em Barreiras dos Constantinos, no recorte temporal compreendido entre 1940 e 1970. A pesquisa realizada é amparada teoricamente na Biografia e na História Cultural, e metodologicamente na História Oral, logo, foram realizadas entrevistas livres, as quais foram gravadas, para atingir os resultados. As conclusões do estudo apontam para a importância de Maria Nadir no contexto escolar e para o descaso por parte da administração pública com a educação do período em tela.

Palavras-chave: Biografia. História de Mulheres. Iguatu. Professora.

Abstract

This article deals with the teaching career of Maria Nadir Vieira Lemos, a pioneering teacher in education in Barreiras dos Constantinos, a rural region of Iguatu, a city located in the Center-South region of the state of Ceará. The aim is to biograph Maria Nadir Vieira Lemos with an emphasis on her performance in Barreiras dos Constantinos, in the time frame between 1940 and 1970. The research carried out is theoretically supported by Biography and Cultural History, and methodologically by Oral History, therefore, it was carried out free interviews, which were recorded, to achieve the results. The conclusions of the study point to the importance of Maria Nadir in the school context and to the neglect on the part of the public administration with education during the period in question.

Keywords: biography. Women's History. Iguatu. Teacher.

Introdução

O presente artigo se debruça sobre a experiência de vida e trajetória profissional de Maria Nadir Vieira Lemos, doravante apenas Dona Nadir, como se tornou conhecida na localidade onde reside. O estudo busca desvelar aspectos pertinentes ao contexto da educação das Barreiras dos Constantinos, durante o recorte temporal estabelecido, bem como acrescentar conhecimentos relativos à história educativa iguatense a partir da trajetória docente de Dona Nadir. Portanto, o objetivo é biografar Maria Nadir Vieira Lemos com ênfase na sua atuação em Barreiras dos Constantinos, no recorte temporal compreendido entre 1940 e 1970. Dona Nadir é oriunda de família natural da Varjota, zona rural próxima de Barreiras dos Constantinos, iniciou sua carreira docente com 18 anos, por volta de 1964, em Barreiras dos Constantinos, emprego este conquistado por indicação de morador local e com condições insalubres de ensino.

A presente pesquisa foi realizada tendo como fundamentos teóricos da História Cultural e embasamento da biografia hermenêutica, bem como a metodologia da História Oral, ou seja, os relatos biográficos de Dona Nadir, registrados mediante entrevista e gravação de voz por aparelho eletrônico é a fonte primária de pesquisa, sendo o aporte documental pesquisado, fonte secundária do escrito. E, enquanto um trabalho que o foco principal é um recorte temporal com ênfase na vida e trabalho docente de Dona Nadir, se trata de uma biografia no campo da educação.

A biografia não esteve presente nos trabalhos acadêmicos, porque não era classificada como uma escrita detentora de valor historiográfico, ou seja, não sistematizava ou desvelava quaisquer aspectos considerados de valor para a escrita histórica, ficando restrita apenas às pessoas abastadas e poderosas, e esse tipo de escrita, em sua gênese, possuía a função de transmitir valores, cujos eram considerados como necessários para incorporação pelos indivíduos da sociedade, fase esta chamada de heroica, por tratar esses indivíduos como figuras heroicas (Dosse, 2009). Desta forma, a escrita biográfica prezou por contar grandes acontecimentos de pessoas com prestígio social na sua gênese, e somente a partir das décadas de 1970 e 1980 do século XX, no período que “realçada “[...] como

instrumento de pesquisa e de divulgação do conhecimento histórico” (Doratioto, 2009, p. 14 *apud* Fialho; Sousa, 2022, p. 31), surgindo esta vertente denominada de hermenêutica. Sendo esta nova vertente compromissada com a produção e alargamento do conhecimento, pois contém entrelaçamento com a literatura acadêmica e criticidade no que é biografado.

Dessa maneira, com o advento da vertente hermenêutica, cuja escrita “acadêmica e científica e não se limita a escrever sobre a vida no seu sentido singular, mas articula a história de pessoas comuns ao coletivo que o rodeia e situa as suas atuações no tempo e no espaço (LORIGA, 2011, *apud* FERNANDES; SOUSA; SANTOS, 2022, p. 1100), houve uma valorização do indivíduo sem destaque social, ao problematizar sua vida inserida na complexa rede de relações coletivas. A fim de trazer luz à figura de Dona Nadir, enquanto uma professora que não está presente na historiografia presente, e paralelamente, construir conhecimento acadêmico no campo da história da educação, embricado com a literatura disponível, a partir de sua biografia, o presente estudo desenvolveu-se.

Acerca da (re)construção da história, Dosse (2009) afirma que a biografia pode ser um elemento privilegiado para a reconstituição de uma época, porque ela permite, a partir do particular alcançar à história universal, ou seja, a partir de uma trajetória de vida, que é o microssocial, podemos tomar consciência de aspectos relacionados ao macrossocial até então desconhecidos porque as histórias das pessoas ignoradas na teia social são “fachos de luz, capazes de alcançar lugares escuros de uma sala que a luminária do teto não alcança” (Fausto, 2009, p.5).

No tocante à história igatuense, o presente estudo se mostra relevante, porque quando se faz pesquisas em plataformas de bases científicas como Google Escolar, periódicos da Capes e Scielo, a respeito da história da história educativa das Barreiras dos Constantinos ou a respeito da docência de Dona Nadir, nada é encontrado. Bem como, paralelamente aos estudos acadêmicos, não há escritos que se dedicam a mapear, sistematizar uma história da educação de Iguatu, somente que intentam externar a história geral do município, como foram localizados e incorporados ao presente escrito os livros Iguatu: História de autoria de Raimundo Batista Aragão (1999) e Iguatu: Pelos Novos Caminhos da História 2, tendo como autor Wilson Holanda Lima Verde (2023). Livros esses de importância em situar aspectos importantes da cidade durante sua história, privilegiando a sede, mas relegando, em grande parte, zonas rurais ao apagamento no registro histórico.

Considerando esse cenário, fez-se necessário o estudo da história educativa igatuense, com um recorte mais específico na uma região interiorana da cidade, se utilizando de história oral, como forma de preservar e reverberar a memória e as singularidades dos sujeitos inerentes aos processos históricos que foram ocultados nos trabalhos disponibilizados.

Esse estudo é resultado do projeto História educativa cearense, educadores e suas práticas; Parecer de nº 6.270.536, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UECE (CEP/UECE), e financiado pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), em andamento desde agosto de 2023.

Para melhor organização, o artigo foi organizado em seções, denominados de Introdução, Metodologia usada no estudo, Resultados obtidos com a pesquisa e

Discussão acerca dos resultados expostos, Considerações Finais e Referências de trabalhos usados. O trabalho objetiva discorrer sobre a vida e carreira docente de Maria Nadir Vieira Lemos e, fundamento na sua biografia, correlacionar com a literatura encontrada, a fim de produzir conhecimento e re(construir) uma historiografia da história educativa igatuense.

Metodologia

Pelo fato de o estudo se debruçar em questões e singularidades de indivíduos, é caracterizada enquanto uma pesquisa qualitativa, já que aborda um objeto de estudo que evoca aspectos humanos que não podem ser analisados de forma quantitativa (Minayo, 2009). O artigo é fundamentado teoricamente na corrente da Nova História Cultural, cuja vertente da História Cultural está em uso desde a década de 1980, defende alargamento dos objetos de estudos, como as práticas, buscando (re)escrever a história da sociedade (Burke, 2005), ou seja, através de óticas diferenciadas sobre objetos é possível entender aspectos de uma sociedade analisando pormenores, sendo assim, torna-se viável entender aspectos educativos e históricos de Iguatu por meio da biografia e de sua prática docente, como também, de suas singularidades como indivíduo.

Ademais, a pesquisa tem como ponto de partida um recorte temporal da vida de Dona Nadir, e dessa forma, é compreendido como uma biografia no campo da educação. O gênero biográfico tem sido valorizado no campo acadêmico desde a década de 1980, se nutrindo e incorporando a história e ciências sociais na empreita de fazê-la, tornando as biografias fonte de inovação na pesquisa histórica (Dosse, 2009). Bem como, o estudo no campo educacional ancorado na memória de professoras é um meio privilegiado no sentido de que, partindo das “memórias individuais e coletivas desses profissionais é possível conhecer aspectos atinentes às formas de escolarização do tempo passado.” (Fialho; Sousa, 2022, p.44), sendo uma fonte de importância significativa para descortinar, discutir e repensar a educação como a conhecemos, uma vez que “ao possibilitar a reflexão sobre o passado sob o intento de descortinar aspectos que podem ser úteis à contemporaneidade e ao tempo vindouro” (Fialho; Sousa, 2022, p.44), dessa forma, a biografia se configura como aporte para se planejar aspectos futuros do sistema educacional.

A metodologia da pesquisa se fundamenta na História Oral (Meihy; Holanda, 2015). E, no que se refere a revelar aspectos gerais, a História Oral se mostra como ferramenta para revelar o “contexto cultural em que se transmite a informação, e assim transformar uma história individual em uma narrativa cultural e entender de maneira mais plena o que sucedeu no passado, possibilitando o afloramento de múltiplas versões da história” (Tedeschi, 2014, p. 35).

As etapas da pesquisa em História Oral foram seguidas segundo os escritos de Meihy e Holanda (2015), sendo formatadas da seguinte maneira: Escolha da entrevistada; Escrita de um roteiro somente com questões chaves, para que a entrevista ocorra de forma espontânea para Dona Nadir; Assinatura de Termo de Consentimento de Livre Esclarecido (TCLE), afirmando que concedeu a entrevista e está de acordo em participar da pesquisa; Execução da entrevista livre e gravação da voz mediante aplicativo de smartphone; Transcrição da entrevista na íntegra; e, por fim, a transcrição da entrevista retorna para a biografada, a fim de aprovação/validação das narrativas anteriormente coletada, com assinatura do termo de validação da entrevista.

Em primeiro momento, fora identificada Dona Nadir, através de relatos de moradores da comunidade da Varjota (área rural de Iguatu), como uma das professoras da região mais antiga ainda em vida. Após isto, Dona Nadir foi procurada no dia 24 de outubro de 2023 e indagada a participar da pesquisa, após afirmação, no dia posterior, ocorreu a entrevista, bem como a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que demonstrava o consentimento em participar da pesquisa. A entrevista foi conduzida em sua residência, enquanto preparava o almoço para ela e seu filho, com início por volta de 9 horas da manhã do dia 25 de outubro, e a voz fora captada com auxílio de aplicativo de smartphone, em alguns momentos levantava-se da mesa em que estava o gravador, mas não houve comprometimento no entendimento de sua fala. Pós entrevista, iniciou-se a transcrição da entrevista na íntegra via programa de texto, a entrevista retornou à entrevistada impressa no dia 12 de fevereiro de 2024 e foi validada pela biografada inclusive com assinatura de termo de validação.

A entrevista teve duração total de 1 hora, 2 minutos e 35 segundos, contudo, para o recorte desta pesquisa, foram utilizados os primeiros 20 minutos de entrevista, cuja duração houve ênfase no momento de vida em que atuava como professora nas Barreiras Dos Constantinos, localidade rural próximo à Varjota, onde residia.

Ainda no que toca os aspectos éticos, a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em pesquisa da Universidade estadual do Ceará (CEP/UECE), parecer de nº 6.270.536, e no ato das entrevistas a entrevistada assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, posteriormente, o termo de validação das entrevistas.

Resultados e Discussões

Maria Nadir Vieira Lemos é natural da Varjota, um distrito do município de Iguatu-CE, nascida em 1946, e descendente de uma família composta por 7 irmãs e 1 irmão. Ela afirma ter trabalhado com os pais agricultores na infância para os ajudá-los, sendo esta uma prática bastante comum para as famílias mais empobrecidas do interior do Ceará e de outras regiões do país (Freitas; Biccás, 2009). Ela iniciou os seus estudos com uma tia que era proprietária e professora de uma “escolinha” particular na comunidade, junto a outras pessoas, e sobre essa etapa de escolarização, a biografada não discerne divisões de séries, mas identifica que, quando cessou os seus estudos com a tia, já era capaz de resolver operações matemática de divisão e de multiplicação. Portanto, presume-se que esse primeiro momento de escolarização durou pelo menos o tempo necessário para que ela pudesse ser alfabetizada, ou seja, dominasse minimamente o saber relacionado às letras, à escrita e à matemática.

Posteriormente, deu continuidade aos seus estudos na Gameleira (localidade rural próxima à Varjota) em uma instituição na qual Dona Nadir não identifica o nome. Mas, nesse momento, ela informa que iniciou o que hoje consideramos o segundo ano do ensino fundamental, junto com outros alunos da Varjota. Na sequência, deu continuidade aos estudos nas Barreiras dos Paraibanos (área rural próxima à Varjota), na atual Escola de Ensino Fundamental Antônio Cipriano, mas não existia sob este nome ainda, era denominada de Isolada de Varjotinha (E.E.F ANTONIO CIPRIANO, 2024), em referência de ser uma escola isolada, definida Decreto-Lei Nº 8.529, de 2 de janeiro de 1946 como uma escola que possuía apenas uma turma de alunos com um docente.

Devido à ação do tempo sobre as suas memórias, o que, para Bosi (1993), é natural com o passar dos anos, Dona Nadir não reconhece quais eram as séries que cursou na escola Antônio Cipriano, mas, curiosamente, lembra de sua professora, com nome também de Nadir. E, como verbaliza que foi cursar o quinto ano na escola Adahil Barreto (escola iguatense já extinta), então, é possível presumir que cursou dois anos na instituição da Antonio Cipriano.

Quando foi cursar o quinto ano na Escola Adahil Barreto, em 1964, Nadir já tinha 18 anos, mesma época em que recebe seu primeiro convite para atuar como docente nas Barreiras dos Constantinos (localidade rural próxima da Varjota). Para ir a Adahil Barreto, na zona urbana de Iguatu, Dona Nadir se utilizava de bicicleta concedida a ela por seu pai, percorrendo cerca de 5,2 km em estrada de terra (dados obtidos através do aplicativo Google Maps), atentando-se para o fato de naquela época ser economicamente difícil de conseguir bicicletas, sendo assim, nota-se que a família de Dona Nadir, mesmo que não fossem detentora de enorme fortuna, eram economicamente melhores do que muitas famílias contemporâneas deles na Varjota, dado que não puderam fazer tal trajeto, visto que essa dinâmica de deslocamento para poder estudar se tratava de um “funil”, pois, em seu relato, Dona Nadir refere-se apenas a uma mulher que a acompanhava até a referida escola, diferente das outras localidades onde ela estudou as séries inferiores, momentos sobre os quais ela afirmou ter contado com muitas pessoas da Varjota a acompanhando para estudar, como é possível perceber no seguinte trecho: “eu fui estudar na Gameleira da Varjota, foi uma turma estudar lá e eu estudei o segundo ano.” (Dona Nadir, 25 de outubro de 2023), tal qual verbaliza ao estudar nas Barreiras dos Paraibanos: “Depois fui estudar nos Paraibanos, mas eu não lembro o ano que estudei nos Paraibanos, sei que era uma turma” (Dona Nadir, 25 de outubro de 2023), contudo a se referir ao Adahil Barreto afirma que: “aí fui pro Adahil Barreto. Ia daqui de bicicleta eu e Neuma.” (25 de outubro de 2023).

À vista do exposto até aqui, nota-se que a biografada se trata de uma mulher descendente de uma família consideravelmente abastada do interior cearense, apesar de numerosa, o que se comprova tanto ao percebermos que ela seguiu progredindo nos estudos enquanto muitos dos seus contemporâneos iam desistindo ao longo do caminho, quanto ao pontuarmos que ela contou com uma bicicleta para ir à escola no ano de 1964, tempo em que conseguir esse transporte simbolizava pertencer a um meio detentor de poder econômico. Ademais, interessa frisar que ela teve como primeira professora uma tia, o que significa que antes da sua geração os seus familiares já contavam (ainda que de forma limitada) com a oportunidade de acessar a escola, um dado destoante do que era comum no interior cearense, onde a maior parte das pessoas mais empobrecidas não seguiam estudando como uma continuidade ao caminho já iniciado pelos seus antecessores (Araújo, 2015).

O sistema educacional, durante a jornada da biografada no ensino primário, era regido pelo Decreto-Lei de Nº 8.529, de 2 de janeiro de 1946 (BRASIL, 1946), que instituía o ensino primário como sendo direcionado às crianças de 7 a 12 anos, com duração de cinco anos, e curso primário supletivo destinado aos jovens e adultos com duração de dois anos. No caso da biografada, quando ela ainda estava no processo de formação no Ensino Primário, teve que se deslocar por três localidades diferentes para completar os primeiros quatro anos do ensino primário, chamado “curso elementar” que poderia ser ministrado em escolas isoladas, com apenas uma turma de alunos e escolas reunidas, com até quatro turmas de alunos (Brasil, 1946), o que se enquadra nas realidades das turmas vivenciadas por Dona Nadir. Porém o “curso

complementar” de um ano somente poderia funcionar em grupos escolares, onde haviam cinco ou mais turmas de alunos; sendo assim, Dona Nadir deslucou-se até a zona urbana, pois na região onde habitava (atual Distrito de Barreiras), não existiam instituições de ensino que supriam esses requisitos.

Dado que, segundo Verde (2023), o grupo escolar de Iguatu, fundado em 1925 na sede da cidade, instituição escolar definida pelo Decreto-Lei Nº 8.529, de 2 de Janeiro de 1946 como um estabelecimento de ensino que “possua cinco ou mais turmas de alunos, e número igual ou superior de docentes” (BRASIL, 1946), se caracterizava como uma instituição de ensino primário muito importante no contexto urbano do município, pois era o principal destino dos filhos das famílias mais economicamente privilegiadas (Verde, 2023). E, segundo Saviani, a respeito dos grupos escolares: “no fundo era uma escola mais eficiente para o objetivo e seleção e formação das elites” (2013, p. 175). Sendo assim, os alunos abastados pertencentes à zona urbana da cidade já gozavam do privilégio de poderem cursar todo o ensino primário próximo de suas residências e de forma completa, sem a necessidade de passar por diversos colégios para tentar estudar, muito divergente dos indivíduos advindos da realidade como a de Dona Nadir, pois contemporâneos da mesma não conseguiam concluir o ensino primário devido à falta de recursos monetários para se locomoverem até essas grandes distâncias com algum transporte e enfrentar a questão das Escolas Isoladas não serem serializadas, o que tornava a qualidade da educação inferior à oferecida pelos grupos escolares.

Essa era uma realidade não apenas enfrentada por Dona Nadir e pelos seus contemporâneos, mas por tantos outros das mais variadas regiões interioranas do Ceará, conforme ficou claro em pesquisa biográfica realizada por Sousa (2023), o qual, dentre outras conclusões, aponta que a população mais pobre do interior cearense contava com poucas possibilidades de ingressar na escolarização formal e nela permanecer até a sua conclusão, pois tal feito acarretava gastos com deslocamento e materiais didáticos que as famílias mais empobrecidas não possuíam condições de manter. Além disso, soma-se o fato de a maior parte das escolas estarem nos grandes centros urbanos, como a capital e outros (Sobral, Juazeiro do Norte e Crato), o que corroborava ainda mais o descaso educacional para com a população residente do interior.

Aos 18 anos, quando ainda cursava o último ano do ensino primário no colégio Adahil Barreto, recebeu um chamado para atuar como docente nas Barreiras dos Constantinos, região rural localizada a cerca de 2 km da Varjota (dados obtidos através do Google Maps), por um contemporâneo de Dona Nadir residente nas Barreiras dos Constantinos, assim como ela evidencia: “Foi o véi Zé Constantino que foi na prefeitura e disse que tinha uma turma de aluno lá e queria uma professora pra ensinar lá, aí disseram: “pois o senhor arranje a professora e traga” (Dona Nadir, 25 de outubro de 2023). Ele veio na casa de mamãe me chamar pra eu ensinar lá”. Zé Constantino tinha muita influência na região por ser dono de muitas terras e ser detentor de certa riqueza, poder econômico que também lhe dava lugar de destaque para intermediar junto aos políticos:

Rico, assim com terreno, porque de primeiro, o pessoal era rico. Eles era mais ou menos, tudo tinha casona de tijolo, os filhos tudo moravam perto um do outro. Ali se chamava Barreiras dos Constantinos. Até hoje chama, vai pros Marçal ou pras Barreiras dos Constantinos. (Dona Nadir, 25 de outubro de 2023).

Sendo assim, é possível perceber que a biografada iniciou a sua carreira docente, como também um ambiente escolar, por um desejo de um senhor com muita influência na região e na prefeitura, visto que ele mesmo nomeou quem quis e cedeu o local: “você vai ensinar nesse quartinho, vou mandar limpar, era tipo um armazém” (Dona Nadir, 25 de outubro de 2023). Porém, esse local inicialmente destinado como sala de aula de Dona Nadir, em pouco foi ocupado novamente com ração para o gado, como salienta a biografada:

Quando eu cheguei lá um dia, pra você ver como as coisas era difícil, quando cheguei lá um dia, aí digo: “oxente e já voltaram com as coisas pra cá?” Aí foi o velho disse: Minha filha é o seguinte, você não vai mais ensinar, porque o meu filho, disse que agora vai botar a ração dele, não vai querer escola aqui não. Não posso fazer nada. (Dona Nadir, 25 de outubro de 2023).

Nota-se, com base nessa narrativa, que o ambiente educativo, que era o único daquele lugarejo, foi desativado em face da vontade de uma pessoa individual, que em um dado momento quis investir no comércio de ração e, sem demora, pôs fim à escola. Esse cenário deve-se ao fato de nesse contexto cearense interiorano, não havia esforços por parte do poder público, nessa época por volta de 1964, em prover ambiente adequado e nem ensino nas regiões rurais, mesmo já havendo legislação regendo o sistema educacional brasileiro: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1961, que institucionalizava o ensino primário obrigatório a partir dos 7 anos de idade, (Brasil, 1961). Contudo, é notório que o poder público era incapaz de propiciar condições para que existissem escolas em comunidades mais isoladas, ou suporte para crianças que moravam nesses lugares, percorrem essas distâncias até onde localiza-se escolas.

Essa realidade foi constatada em estudo sobre o sistema educacional do Ceará, realizado por Joaquim Moreira de Sousa, a pedido do Ministério da Educação, em 1955. Ao adentrar os mais variados e distantes lugares do Estado em busca de mapear a educação desenvolvida, Sousa (1955) constatou que o descaso do poder público em prover a educação, mesmo a mais elementar. O mencionado pesquisador cearense traz o caso de uma professora que, ao ser designada para a docência no interior do Estado, precisou organizar todo o aparato para receber os alunos: “mandou carregar [...] três portas grandes tiradas de uma casa abandonada. Com um carpinteiro, pai de aluno, e outros moradores do lugar conseguiu uns cavaletes de madeira e sobre eles colocou as portas. Estavam feitas as bancas [...]” e, como também não existiam cadeiras, “os alunos todos sentavam-se em cima de tijolos e caixões, conseguidos com a população local (Sousa, 1955, p.177-178). Portanto, a realidade enfrentada por Dona Nadir na Varjota não era muito diferente dos demais lugares do Ceará, que, com exceção dos grandes centros urbanos, viviam o abandono na matéria educacional.

A nomeação de Dona Nadir como professora, antes mesmo de ela ter a formação necessária e determinada por lei, que era instituída pela LDB de 1961, a qual consistia em formação no curso normal pedagógico, de grau médio, demonstra como, ainda que houvessem escolas no município que forneciam a formação necessária para atuar no ensino primário, como a Escola Normal Rural fundada em 1939 (Verde, 2023) e o Colégio São José, fundado em 1949 (Aragão, 1999) (inclusive como os dois únicos estabelecimentos de ensino médio em funcionamento durante muito tempo na

cidade), era notória a falta de professores para atender a demanda da região, o que fomentava a atuação de docentes sem a formação adequada, tal qual Dona Nadir, na época.

No tocante à Escola Normal Rural, é importante situá-la porque se tratava da primeira e única, até 1949, instituição de ensino médio de Iguatu destinadas às moças e que era direcionada para a formação de professoras para atuar na educação primária, com sua primeira turma sendo formada em 1944 (Verde, 2023). A primeira turma era composta por 25 professorandas, e dentre elas haviam professoras que obtiveram grande destaque no município, inclusive foram homenageadas com seus nomes em escolas em Iguatu, como a Clara Alves Araújo e Alba Araújo. A cerimônia de formação que contou com diversas autoridades políticas do município e do Ceará, fato afirmado por Verde como um passo importante no desenvolvimento sociocultural do Iguatu (2023). Um marco importante para um município de Iguatu, é que somente em 1944 teve a primeira turma adequadamente, segundo a legislação da época, formada para atuação na educação primária.

Interessa frisar que, apesar da grande relevância dos cursos de formação de normalistas para o desenvolvimento educativo cearense, nem sempre o fato de haver uma escola Normal na região significava, necessariamente, que também houvessem muitas professoras atuando em sala de aula (Araújo, 2015). Isso porque muitas mulheres se formavam normalistas apenas para obter a formação como “boa dona de casa”, tendo em vista que o curso ofertava os ensinamentos culinários, da costura e outras aprendizagens vistas como importantes para as mulheres daquela época, como gerir o lar e cuidar dos filhos. Assim, principalmente as mulheres mais abastadas economicamente não exerciam a profissão, e, segundo Almeida (1998), esse cenário corroborava para que a educação não tenha sido ofertada em muitos lugares.

Situando a pesquisa no lócus do estudo, se faz importante salientar que a formação de professores para o ensino primário em Iguatu veio tardiamente com o curso de formação de normalistas; logo, pessoas sem a preparação adequada atuavam como docentes no município, sobretudo nas regiões rurais, como Dona Nadir que passou a atuar como docente antes mesmo de completar o ensino primário.

Quando analisado historicamente, toda a docência, principalmente a educação básica, é composta quase que totalmente por mulheres, contexto que Almeida (1998) denomina “feminização do magistério”, ao situar o aumento progressivo da mão de obra exercida por mulheres no ofício docente primário. Porém, é primordial atentar para o fato de o quadro docente da Escola Normal Rural Santana ser composto majoritariamente por homens, o que evidencia que mesmo em um contexto dominado pela presença feminina, homens ainda atingiam cargos mais elevados e de mais destaque devido aos papéis de gênero muito demarcados na sociedade, pois o grupo masculino formado pela Escola Normal não se ocupava com o ensino, mas se dirigia aos cargos de gestão e direção escolar (Araújo, 2015).

Conforme aqui já foi explicitado, o primeiro espaço onde Dona Nadir lecionou, nas Barreiras dos Constantinos, foi recuperado para pôr ração para o gado, situação degradante para a educação da localidade, mas, curiosamente, Dona Nadir até gostou da notícia, conforme narrativa: “Não querem mais a escola, então vou pra casa!” Eu achando era bom, porque eu não gostava de ir pra lá não, fui por causa da minha mãe, forçada por minha mãe” (Dona Nadir, 25 de outubro de 2023). Tal trecho deixa

claro que a biografada iniciou a carreira docente por pressão familiar e não porque era um setor que ela planejava ou desejava atuar, mas, mesmo assim, deu continuidade.

Após ser informada que não mais poderia lecionar naquele lugar, que agora passaria a ser depósito de ração de animais, Dona Nadir retornava para casa quando foi avistada por uma moradora, a qual as filhas estudavam com Dona Nadir, com nome de Conceição, e esta fez um convite para que a biografada passasse a ensinar em outro local, tão logo Dona Nadir disse que não iria mais ser professor por falta de espaço: “Não mulher, e minhas filhas vai ficar sem estudar? Se eu varrer aquele pé de cajarana, tu ensina debaixo?” Eu disse: - “Ensino, se tiver cadeira pros meninos sentar, eu ensino em qualquer canto” Ela disse: - “Eu arranjo” (Dona Nadir, 25 de outubro de 2023). As providências tomadas, a biografada lecionou por um tempo em condições sub-humanas, em cadeiras irregulares, sem estrutura física e em espaço aberto debaixo da referida árvore, porém foram obrigados a se retirar do espaço logo no começo do inverno quando iniciaram as chuvas, mas novamente Conceição surge no seu relato:

Acho que ensinei bem um mês lá. Aí começou o inverno, lembro como hoje, aí falei pra Conceição que ia desistir, aí ela disse que eu ia pra sala da casa dela. Fiquei ensinando na casa dela, era mais ou menos isso a sala da casa dela (mostrando o tamanho da sua própria sala). Muitas vezes, os alunos sentavam quase no quarto dela, era apertado demais (Dona Nadir, 25 de outubro de 2023).

Após essa afirmação, foi questionado à Dona Nadir se a prefeitura pagava a ela, mas não proporcionava o local para funcionamento da escola, ao que ela afirmou que “na época era difícil”, mas que após a saída dela, a prefeitura construiu a escola. A partir desse trecho, é possível refletir a respeito de como a educação, entre as décadas de 1950 e 1960, se encontrava na região; em primeiro momento, é possível perceber que no distrito de Barreiras não havia nenhuma escola que proporcionasse completude aos alunos, apenas haviam Escolas Isoladas, que possuíam somente uma turma de alunos, e o Projeto Pedagógico da Escola de Ensino Fundamental Antonio Cipriano corrobora com o relato de Dona Nadir (E.E.F. Antonio Cipriano, 2024), instituição onde a biografada afirma ter estudado, cujo documento contém uma breve contextualização histórica da instituição e discorre acerca de como ficou conhecida na criação em 1950: Isolada de Varjotinha, que representa a essência da escola.

Além do mais, com base nos relatos biográficos de Dona Nadir apresentados anteriormente, verifica-se que a educação no distrito de Barreiras, possivelmente em todo o Iguatu e demais cidades interioranas do Ceará, era encabeçada pela própria população, e era concretizada de acordo com o seu próprio interesse, haja vista que a primeira sala de aula de Dona Nadir foi fruto do pedido de um senhor da região chamado Zé Constantino, e depois, por outra moradora chamada Conceição. Não havendo interesse governamental em ofertar o direito à educação, não fosse o empenho de pessoas da comunidade, a escolarização formal teria demorado ainda mais a chegar naquele contexto.

Para além dessas especificidades das escolas da região, havia apenas uma turma com matrículas de diversas idades, como expressa Dona Nadir ao se referir às crianças e adolescentes que eram seus discentes quando lecionou a primeira vez: “Era misturado, primeiro, segunda, criança, era já gente grande. Antigamente, o pessoal não estudava não, né?” (Dona Nadir, 25 de outubro de 2023), Percebe-se que

não havia estrutura adequada, e por vezes, nenhuma estrutura, como fora supracitado.

As salas de aula que abarcavam alunos de variadas faixas etárias e níveis de aprendizagem também distintos não se tratava de uma singularidade de Iguatu, pois em estudo realizado por Sousa (2013) com duas professoras atuantes nos interiores das cidades de Pindoretama e Cascavel, foi verificada a mesma realidade. Tal modelo de sala de aula era comum no Brasil desde o século XIX, quando foram pensadas em implementar salas multisseriadas como a melhor saída para amenizar o índice de analfabetismo, uma vez que através de séries multisseriadas poder-se-ia atender um público mais diversificado. Dessa feita,

As séries, então, abarcavam sujeitos de variadas idades e níveis de aprendizagem, e localizavam-se, em sua maioria, nas cidades interioranas mais afastadas das sedes municipais, onde a população era menos escolarizada e diversos fatores influíam no exercício do magistério, como as precárias condições de funcionamento e a heterogeneidade do público atendido, que se apresentava como empecilho ao rendimento da aprendizagem dos estudantes. Apesar disso, as escolas multisseriadas exerciam importante papel para efetivar o direito à educação do campo, pois, não fosse por esse artifício, o acesso à escolarização pelo público residente no interior seria ainda mais dificultado, o que acarretaria no maior contingente populacional às margens da educação formal (Sousa, 2023, p. 105-106).

Com base nesse excerto, apesar das dificuldades que uma sala multisseriada implicava na aprendizagem dos alunos e na prática docente, entende-se que a docência organizada segundo esse parâmetro, em Iguatu e em outras cidades do Ceará, foi crucial para que a população do interior tivesse acesso, pelo menos, ao elementar conhecimento das letras e dos números.

No que diz respeito ao aparato didático, a prefeitura de Iguatu não fornecia nenhum material aos alunos, e como Dona Nadir exemplifica: “Davam o conteúdo. Chamavam uma ruma de professor, aí a gente ia e assistia as reuniões.” (Dona Nadir, 25 de outubro de 2023). Os conteúdos programados para proporcionar aos discentes eram repassados por meio de reuniões organizadas com muitos professores, porém, segundo o que ela verbaliza quando indagada se a prefeitura fornecia algum material, ela contou: “Nada. Acho que só dava o caderno de chamada, não lembro muito não, mas acho que o caderno de chamada tinha” (Dona Nadir, 25 de outubro de 2023), a prefeitura não fornecia nenhum material didático que auxiliasse o professor na jornada docente.

Dona Nadir afirma ter trabalhado na localidade de Barreiras dos Constantinos muitos anos utilizando a sala de estar de Conceição como sala de aula. E o Zé Constantino, senhor que a nomeou, era quem decidia quais dias teriam aulas:

Ele dizia assim: “Ei senhora, você não vai ensinar hoje”, ele era o diretor da escola, Ai eu digo: “Por que?” E ele dizia: - “Porque é dia de tal santo. Não pode ensinar dia santo, feriado. E se reclamar na prefeitura, pode dizer que véi Zé Constantino que disse que não eu ia ensinar. (Dona Nadir, 25 de outubro de 2023).

Ela descontraí sobre ele ser o diretor da escola, mas demonstrava ser superior a um diretor, pois o jogo de poder ali envolvido era ainda mais concentrado do que acontece em um ambiente escolar. Zé Constantino, por ser rico e influente, decidiu quem iria ensinar, onde e quando teria aula; em outras palavras, o sistema educacional da

localidade era à sua mercê, prática que provavelmente corroborou para as condições péssimas de ensino que Dona Nadir enfrentou, porque, possivelmente, qualquer mudança nas condições para o ensino deveria vir a partir dele.

Destaca-se o fato de ser, justamente, um homem quem tomava as decisões, um desfecho que era bastante comum nos cenários não apenas cearense, mas em todo o país naquele período marcado pelo machismo e patriarcalismo, até mesmo nos casos em que a mulher saía do espaço privado do lar e adentrava no mercado de trabalho (Almeida, 1998). Nesse segundo lugar de atuação, já no meio social, ela passaria a ser comandada por uma figura masculina, e por isso, conforme já pontuado, os homens eram os que ocupavam os cargos de gestão e direção escolar, e mesmo na ausência de uma escola, a docência de Dona Nadir deixa claro a subjugação do feminino sobre o masculino no campo da docência (Louro, 2001).

Ficou evidente que Dona Nadir é uma figura muito importante no tocante à educação das Barreiras dos Constantinos entre as décadas de 1960 e 1970, visto que se tratava da única professora na região que exercia tal profissão ativamente, mesmo que não possuísse formação adequada era uma agente central na empreita de fornecer educação formal às pessoas.

Considerações finais

A presente pesquisa, de cunho qualitativo e sendo uma biografia no campo da educação que tem como amparo a Nova História Cultural, foi desenvolvida através da História Oral como metodologia. O objetivo foi biografar Maria Nadir Vieira Lemos com ênfase na sua atuação em Barreiras dos Constantinos, no recorte temporal compreendido entre 1940 e 1970, empreitada que permitiu desvelar aspectos referentes à história educativa do Distrito de Barreiras, região rural do município cearense Iguatu, a partir da trajetória pessoal e profissional de Dona Nadir.

Como um indivíduo é transpassado por questões de sua época, fez-se necessário a pesquisa de fontes secundárias para que se pudesse entender a sociedade que Dona Nadir estava inserida em sua completude, e problematizar questões educacionais pertinentes ao contexto analisado aqui.

A pesquisa abordou aspectos da sua formação primária e de sua primeira experiência como professora em uma região rural da cidade de Iguatu, aspectos estes compreendidos entre as décadas de 1940 e 1970. Verificou-se que Dona Nadir se trata de uma professora de grande importância na história educativa das Barreiras dos Constantinos, porque se configurou como a única professora presente na localidade e que atuava em condições insalubres.

Desde os seus 18 anos, Dona Nadir tornou-se professora na localidade de Barreiras dos Constantinos, onde enfrentou duras condições para lecionar. Em primeiro momento, por volta de 1964, foi posta para fora do galpão onde ensinava em decorrência de o dono querer de volta o local para guardar ração para a criação de animais, passando a atuar à sombra de uma árvore e, após a chegada do tempo chuvoso, foi realocada por uma moradora, mãe de uma de suas alunas, na sala de casa, local que lecionou por anos a fio, dado que a prefeitura fornecia um salário a ela, mas não providenciava local adequado para o funcionamento de uma escola.

A partir de sua biografia torna-se viável analisar diversos aspectos da história de Iguatu, como o fato de Iguatu não conseguir suprir a necessidade de professoras normalistas aptas a lecionar no ensino primário em zonas rurais, sendo os moradores locais quem ficavam à frente do fazer educativo, como também a prefeitura não dispunha de políticas públicas que visassem o acesso à estrutura necessária para ocorrer o processo educacional de forma satisfatória, visto que Dona Nadir ao ensinar na sala de estar de uma moradora local, não contava com espaço, cadeiras ou qualquer aspecto estrutural necessário para ocorrer uma aula de forma plena.

Do mesmo modo que a sua biografia aponta para características gerais da história educativa, a partir de seu relato é plausível compreender a configuração do sistema educacional não somente do município, mas compreender toda uma realidade divergente às leis que não há registros. Sendo assim, a biografia de Maria Nadir Vieira Lemos contribui para a ampliação dos conhecimentos referentes à história da educação de Iguatu, Ceará e aponta para aspectos nacionais, também.

Referências

ALMEIDA, J. S de. Mulher e educação: a paixão pelo possível. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

ARAGÃO, Raimundo Batista. Iguatu: História. Fortaleza: Copcultura, 1998.

ARAÚJO, Helena de Lima Marinho Rodrigues. A tradicional Escola Normal Rural Cearense chega ao Bairro de Fátima Formação das primeiras professoras primárias (1958-1950). Fortaleza: Edições UFC, 2015.

BOSI, Ecléa. A pesquisa em memória social. Psicologia USP, v.4, n.2, São Paulo, 1993.

BRASIL. Decreto-Lei Nº 8.529, De 2 De Janeiro De 1946. Inistitui leis orgânicas sobre o ensino primário. Rio de Janeiro: Diário Oficial da União, 1946. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8529-2-janeiro-1946-458442-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 06 jun. 2024.

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Senado Federal, 1961. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 02 jun. 2024.

BURKE, Peter. O que é História Cultural? Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

DOSSE, François. O Desafio Biográfico: escrever uma vida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009

ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL ANTONIO CIPRIANO. Projeto Pedagógico. Iguatu, 2024

FAUSTO, Boris. O crime do restaurante chinês: carnaval, futebol e justiça na São Paulo de 1930. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FIALHO, L. M. F.; SOUSA, F. G. A. História Da Educação, Escrita Biográfica E Possibilidades De Orientação Prática. In: SANTOS, A. L. S. M.; FERRONATO, C. (org.). Tecendo Fios e Entrelaçando ideias: História, memória e educação. Aracaju: Criação Editora, 2022.

FREITAS, Marcos César de; BICCAS, Maurilane de Souza. História Social da Educação no Brasil (1926-1996). São Paulo, Cortez, 2009.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, M. (Org.). História das Mulheres no Brasil. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001. p. 443- 481.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. História oral: como fazer, como pensar. 2. ed, São Paulo: Contexto, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SAVIANI, Demerval. Histórias Das Idéias Pedagógicas no Brasil. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

SOUSA, F. G A de. Reminiscências sobre as condições educativas no interior cearense a partir das docências de Marieta Benício e Maria José de Sousa (1936-1984). 2023. 193f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2023.

SOUSA, J. M. Estudo sobre o Ceará. Companhia de Inquéritos e Levantamentos do Ensino Médio e Elementar, 1955.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Alguns Apontamentos Sobre História Oral. Dourados, MS: UFGD, 2014.

VERDE, Wilson Holanda Lima. Iguatu: Pelos Novos Caminhos da História 2. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2023.

Contribuições dos autores:

Francisca Genifer Andrade de Sousa: Orientação e revisão do texto

Ruan Pablo Bezerra de Souza: Pesquisa e escrita do texto